

A RAZÃO

Director e Editor: — LUÍS FILIPE COELHO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 45 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 29 de Novembro de 1926

Composto e Impresso no Tip. de «A Tradição» — F.A.F.E.

A CLARANDO...

Em o último «fundo» de «A Velha Guarda», colega local e órgão do P. R. P., lêem-se, entre várias coisas d'rigidas ao nosso presado colaborador H. d'Almeida, as seguintes afirmações:

«Sua «A Razão», há cerca de 4 anos, na melhor das intenções, temos que o acreditar pela parte que diz respeito a H. d'Almeida, de fazer a defesa e a propagação da República em Guimarães. Essa intenção era laço, porém, através da nos seus 1.º números em que, impiedosamente, se começou combatendo o P. R. P. De tal forma e com tal insistência que, tendo reunido a Comissão Municipal do Partido, e reconhecendo que não fazia sentido que fossem os nossos correligionários que, com as suas assinaturas, estivessem sustentando um jornal que só servia para os guerrear, resolveram, por unanimidade, que se aconselhasse a sua devolução a todos os que pertencessem ao nosso credo político».

«A Razão fez-se, diz H. d'Almeida, para, para prestigiar a República em Guimarães. F. — cega ilusão! — as suas colunas tem servido de base a tantas escorrências caluniosas, infamantes, criaturas que enojam, lá tem depositado, contra republicanos honrados a cuja mão a mão honra lá de H. d'Almeida nunca se negou».

—Para que os leitores avaliem das razões de tais frases e para que nenhuma dívida assalte os espíritos fracos, desejando só ac'arrar, transcreveremos do nosso jornal tudo que aos fiados do P. R. P. diga respeito.

Assim... em 14-1-1923, inseria «A Razão» o seguinte:

«Foi mal informado este nosso colega (referência ao «Jornal das Taipas») acerca do carácter político de «A Razão». Estruturalmente republicana, a sua política não obedece a qualquer facção partidária».

Em 31 do referido mês, escreviamos:

Jornal das Taipas

«Este nosso colega anunciou há tempos que «A Razão» seguia a política repu-

blicana-liberal. Já aqui fizemos o devido desmentido que infelizmente não provocou uma rectificação, conforme esperávamos. Do seu último número transcrevemos o seguinte:

Um nosso colega local, no primeiro artigo em que, mais claramente começa revelando simpatias e afinidades, que nunca para nós foram segredo, ao louvaminhar o sr. A. L. e a sua Câmara.

Sem nunca pedirem absolutamente nada à República... julgam-se no direito, que lhes assiste, de exigir que os ponham ao lado de todas as tricas políticas».

Em 5 de Fevereiro seguinte, comentávamos:

Safa!

«Foi com este mesmo termo que nos serve de epígrafe que o «Jornal das Taipas», órgão do P. R. P. de Guimarães, iniciou as relações com «A Razão». Outra coisa era de esperar se atendessemos a que se tratava de jornais republicanos e, como tais, ao mesmo fim votados; mas outra coisa não esperávamos nós daquêles que assim se nos dirigem e que de há muito veem evidenciando claramente os seus propósitos a nosso respeito. De facto, são para nós concludentes as insinuações lórpas com que o «Jornal das Taipas» pretendia apontar «A Razão» como órgão dos liberais, primeiro, e dos dissidentes, depois. E' um processo grosseiro este de ataque que não esperávamos se usasse entre nós. Mas usou-se, está-se ainda a usar, o que bem prova a boa-fé dos que dele se servem».

E ainda, no artigo «Sabam quantos...», ripostávamos:

«Como explicar o desatendimento do «Jornal das Taipas», órgão do P. R. P. de Guimarães? Muito simplesmente: é ainda a falta de prosa laudatória na posse da vereação. Aquilo foi óssu que se lhes atrancou na gorja, a ponto de eles não poderem dizer mais do que asneiras nem verem as lampadas apagadas. E como não vejamos outra de nos fazer pagar caro o arrojado que tivemos de erguer a voz onde só eles se jul-

gam com direito de falar, vá de nos atirar com uma data de talassas. Assim mesmo. Com uma subtilidade salaia, misturando alhos com bogalhos, numa revelação de supina estupidez, os republicanos das Taipas fingem desconhecer os factos que apontamos, e que todos conhecem, tomam uma atitude de quem passa uma rasteira e bradam, para espantar o auditório: Talassas! são talassas!»

Sernamente diziamos:

«Não queremos levantar questões com republicanos. Com muito empenho tentamos evitar tudo quanto possa ferir a união dos republicanos vimezanenses. A maneira infame como o «Jornal das Taipas», que se diz republicano, nos trata, forçou-nos a responder conforme o fazemos no presente número».

E ao insulto, atacamos o honrado redactor-delegado da Empresa do «Jornal das Taipas» nestes termos.

Um trauliteiro

«O sr. Guido Frederico von Doellinger é o Redactor da Empresa do «Jornal das Taipas» que, no seu último número nos chama monárquico. Este cavalheiro, trauliteiro dos 4 costados, não nos merece a mínima consideração. Sómente lhe queremos perguntar se afinal o calção foi ou não coberto com a bandeira azul e branca.»

Em 13 de Fevereiro:

«Pena foi que o «Jornal das Taipas» só agora desse pelos nossos propósitos de evitar desprestigiadas relações entre Republicanos. Essa nossa intenção vê-se nitidamente em todos os números de «A Razão» e que aí se não visse, era de esperar do desinteressado e bem conhecido republicanismo dos que aqui labutam pela República. Pena foi: contudo mais vale tarde do que nunca. Vamos a vêr se depois disto se evitarão questões que, para nós, nada tem de agradáveis».

Aos 21 dias de Fevereiro, em o nosso n.º 8 do 1.º ano, sob a epígrafe «De cara levantada», os redactores agradeciam as palavras elogiosas do «Jornal das Taipas» e lamentavam profundamente que um jornal republicano trouxesse no

cabeçalho o nome do trauliteiro Guido. E acrescentavam:

«Nunca faremos a comensinha política de campanário. Para isso, não. Não contem connosco».

Em 10 de Março, como prova de estima, recebíamos um cumprimento que nos forçou a pegar outra vez da pena para responder:

«Sem que da parte de «A Razão» coisa alguma, numa só palavra, desse origem a tal, um parêntese qualquer lembrou-se de escrever no «Jornal das Taipas» certos disparates que, embora nos tivessem magoado, deixá-los-íamos passar sem a resposta merecida, por julgarmos que o tempo se encarregaria de lhes dar o desmentido suficiente».

Convidado o difamador a provar as afirmações que fazia contra o director deste jornal, que ele acusava de não pretender fazer política republicana e de querer apenas guerrear os vultos importantes do P. R. P. neste concelho; convidado a indicar um só número de «A Razão» em que tais dislates se pudessem buscar, que faz o safardana? Desembesta no insulto soez, no remoço parvo, num vômito asqueroso de raiva impotente e que não é mais do que a confissão da vilania premeditada. Não podendo — e assim é que está certo — firmar em qualquer origem concreta as miseráveis insinuações feitas, estrebuchou o mentiroso, num escóicear de fazer dó, atirando-se a tudo e a todos com o denodo dos cobardes: escondendo a mão. Sim, escreva rabioso, tu não és o vira-casacas, o camaleão do Guidinho».

Em 11 de Março, repetia-se:

«Tentamos sempre evitar discórdias entre republicanos. Quer neste jornal, quer particularmente, fizemos tudo o possível para que fossem bem conhecidos os nossos fins e as nossas intenções. Não nos quiz atender o «Jornal das Taipas» e às nossas leais declarações correspondeu com insultos que embora nos não atinjam, muito nos magoam porque... quem se não sente, não é de boa gente».

Agora, é preciso que o «Jornal das Taipas» mostre à opinião republicana quais as razões para nos acusar

de liberais, de monárquicos, de dissidentes, de mais republicanos fazendo política monárquica e de pretendermos guerrear o Partido Republicano Português. O «Jornal das Taipas» tem de o dizer. Se o não disser, se o não provar, nós e connosco todos os republicanos ficaremos fazendo o nosso juízo acerca da lealdade e seriedade com que fomos atacados. Que ao nosso gesto quixotesco não corresponda um pancista silêncio».

Sem comentário, eis como aqui se insulta e se provoca.

Quem os caluniadores?

Sob a epígrafe «Caluniadores» publica o «Ecos de Guimarães» uma pequena local em que há portatrapessa para deixar de responder às perguntas que esboçamos em que, o logo topor sobre brasas, pretende apelar-nos de caluniadores...

Afinal, colega: 1.º Quem foi o da empenhoca com a esposa á frente?!

2.º Onde o desplan e de repudiamos o 18 de Abril e de aceitarmos como bom o 28 de Maio?!

3.º Qual a fraquêsua indecente perante a vereação transata?! Não faz sua diferença o ser adversário político e, sendo-o tratarmos-se como inimigos políticos?!

Responda! Fale! Desembuche!

QUADRAS

Diz-se: «quem não pode arrear», — Sei de muito homem, casado Que em casa leva tarefa E que se julga obrigado!

Sempre ouí: ou comem todos ou haja moralidade. Afinal, já quantos modos De renegar a liguallade?!

«Quem canta seu mal espanta» Ouve-se a qualquer poeta; — Quanta gente, ás vezes, canta P'ra atingir, da vida, a meta...

Os olhos com que te vejo São castanhos como os teus; Saber quais os seus desejos E' bem não saber os meus.

Este numero foi visado :
pela Comissão de Censura

AS TALS BOCAS DE INCENDIO

O colega «A Velha Guarda» num dos seus numeros falou de certo aumento dum orçamento feito para umas bôcas de incendio a colocar na Avenida Cándido dos Reis e disse que, para isso, não a repartição d'obras, mas qualquer «picheleiro» seria capaz de o fazer.

Ora, se o colega tivesse sido bem informado da maneira como as coisas se teceram, reconheceria a má picheleirisse do seu correlligionário Abilio Fernandes, confrontando o projecto por este apresentado e aquê outro apresentado pelo Chefe da Repartição das Obras.

Mas... vejamos o projecto do snr. A. Fernandes:

| | |
|---|-----------|
| Abertura da vala, sua regularização—126,5 m3 a 2\$ | 253\$00 |
| Pavimento de calcetaria, sua regularização—120,3 m2 a 5\$00 | 601\$50 |
| Tubagem de ferro galvanizado de 1 1/2 poleg.—250 m a 15\$00 | 3.750\$00 |
| 2 Bocas de incendio completas a 300\$00 | 600\$00 |
| Soma—Esc: | 4.755\$50 |

Incompletissimo, revela muito pouco conhecimento no que diz respeito a canalisação. Acaso é razoável que se modifique o ramal da canalisação para uma menor espessura, quando na Avenida Miguel Bombarda a tubagem é de 3 polegadas?! Acaso se compreende que 2 bôcas adquiram sufficiente quantidade d'água no momento em que sejam utilizadas as duas, ao sabermos que o tubo de 1 1/2, não dá pressão necessária a servir convenientemente uma bôca de incendio?! Mas, para quê, alterar a canalisação?! Espírito de economia?

Contudo, sigamos e confrontemos o novo projecto, fazendo a comparação do próprio preço:

| | |
|---|-----------|
| Abertura da vala, sua regularização — 102,4 m3 a 1\$80 | 184\$32 |
| Pavimento de calcetaria, sua regularização — 127 m2 a 5\$00 | 635\$00 |
| Tubagem de ferro galvanizado de 3 poleg.—250 m. a 25\$00 | 6.250\$00 |
| Tubagem de ferro galvanizado de 1 1/2 poleg.—6 m. a 10\$50 | 63\$00 |
| 2 Bocas de incendio (caixas) a 200\$00 | 400\$00 |
| 2 Telles-mobiles a 65\$00 | 130\$00 |
| 2 Passadores para 1 1/2 poleg. a 8\$50 | 170\$00 |
| 2 Curvas de 1 1/2 a 15\$00 | 30\$00 |
| Imprevistos | 7.541\$84 |
| | 83\$6 |
| Soma—Esc: | 7.550\$00 |

Explicada assim a diferença dos 2 contos e pico, a avaliação da competencia

Colaboração preciosa artigos de encomenda

Parabens ao colega, se nos permite que colega lhe chamemos.

Parabens pela colaboração preciosa e inteligente que ao seu dispôr encontra.

Quando se chamava «Jornal das Taipas» e tinha no cabeçalho o nome dum von de qualquer coisa, não reparou que se tratava dum trauliteiro que, dias atrás, andava ostentando um braçal azul e branco.

Nome de empréstimo, nome dum von de qualquer coisa.

Parabens ao colega pelo colaborador illustre que, á sua redacção, adjudicou e que, talvez dispensado pelo «Ecos de Guimarães», veio trazer-lhe o brilho da sua pena—ruflar melíflo da tibia esmaelita.

E quando o seu «plectro tremelica», ai de aquêles para quem assesta a sua pena (!), deixa-os em cavacos, qual Bermudo pe le jando pela sua «bela huri»... «Infausta criação!»

E aquela bela obra da E. I. é-lhe dedicada—valha-lhe essa qualidade!

Tendo-lhe *alguem* de lá encomendado um artiguito, o illustre colaborador deu-se pressa em escrever sobre *muare*s.

Realmente tem uma certa queda para romances de cavalaria, lindos romances onde perpassam tibias ismaelitas, belas huris, côceis fogosos, ferozes Al-Malucos, etc...

—Então o menino exige-me exame de admissão para a E. I.?

Certamente o illustre aluno da E. I. desconhece que para haver piada é preciso ter graça de *verdad* e não obrigar quem quer que seja a fazer cócegas no umbigo.

A. G.

de quem elaborou os projectos e orçamentos não é difficil, se repararmos bem das inúmeras e costumadas faltas do 1.º orçamento, faltas esses que haveria de *tapar* a Repartição d'Obras, sempre que a ela recorressem para desfazer as asneiras dos que se julgam competentes no favor... ao amigo.

—Do beneficio prestado ás companhias de seguros, simplesmente perguntamos pelo despacho de 8 de Maio p. p. dado pelo Ex.º Snr. Dr. Mariano Felgueiras, o qual mandava elaborar o projecto e o orçamento para a colocação de 2 bôcas de incendio na Avenida Cándido dos Reis?

Isto é só para pôr as coisas nos devidos termos. Mais nada.

“Reconquista de Portugal” Conferência por RUY CHIANGA

No Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento, em 14 do corrente, fez a sua conferencia o bem conhecido jornalista Ruy Chianca—lidimo «arauto» dos poruguezes do Brasil.

Fez a apresentação o digno Presidente d'aquella benemerita associação, Ex. Snr. Coronel Duarte do Amaral, que, em sinceras palavras, fez o panegirico do insigne escritor.

Concorridissa, a conferencia marcou pela saudade dos nossos emigrados, pela forte vontade dos ausentes e pela nobilissima ideia de erguer bem alto a nossa Pátria.

Nunca em nosso peito se acalentou tanto uma Fé patriótica como nunca se afervorou mais o culto pela terra portugueza, ao recordarmos o timbre de aquella voz senhoril e cheia de sonho alegre, conquistadora e audaciosa...

Experimentamos o orgulho dum amôr seguro, frêscico como um sorriso acolhedor de mulher, e, no torvelinho dos nossos próprios pensamentos, as almas ensaiaram uma epopeia nova, heroica e formidável.

Nada mais significativo, nada mais claro e nada mais real...

Abnegação, incentivo e civismo a irradiarem exemplos que nunca soubemos dar adentro do Continente, a colorirem o «sentido lusitanda» e a unirem em doce comunhão os dois países: Portugal e Brasil!

...E a ambição da riqueza, a ideia de deixar a terra-mãe, a efectivação da lembrança, o abandono do lar e as lágrimas da despedida—onde sentimento mais saudoso!

O cais a que encostaram um enorme navio, a dolorosa hora do embarque, o último olhar para a Pátria e o mar sem fim—qual o coração que goteja maior máguia a ver desaparecer o berço querido!...

A Terra da Promissão e o espanto das novas sensações!

E, com denôdo, eis que principia a penetrar as florestas virgens, arranca-lhes todas as surpresas, a golpes de enxada torna culto o terreno inculto, acha mais loiro o trigo que cresce e torna numa realidade aquella ambição que constantemente o preocupou...

Depois, mira-se no espelho da sua obra, cuida de tornar respeitado o seu nome e vai socorrendo os compatriotas que até ali foram com o mesmo fim e a quem a desdita não per-

Instrução Primária

Pelo Ex.º Director Geral foi enviada aos inspectores de circulo a seguinte circular:

“Contendo o decreto organico regulamentar dos serviços Jurisdicionais e Tutelares de Menores, n.º 10.767. de 12 de Maio de 1925, algumas disposições que precisam ser conhecidas do professorado primário, para que este dê aos Tribunais de Menores, denominados Tutorias da Infância, uma eficiente colaboração, transcrevo, por isso, essas disposições, para o indicado fim:

—“Art.º 75-§ 2.º—Exercerão também as funções de delegados de vigilância os professores e professoras de instrução primária nas áreas das respectivas escolas, devendo no exercício destas funções dar os informes, cooperar ou proceder aos inqueritos e prestar os serviços de vigilância que naquela localidade lhes competem, de sua livre iniciativa ou a requisição dos juizes presidentes e dos Curadores de Menores das respectivas Tutorias. Os serviços prestados pelas professoras e professor nestes cargos, especialmente o indicado no § único do art.º 119.º serão comunicados á Direcção Geral de Instrução Primária Normal, para ser tomados em consideração na classificação dos referidos funcionários.

Art. 119.º—§ único—Para os efeitos dos artigos 26.º, 28.º, 29.º e 107.º do Decreto de 27 de Maio de 1911, os professores de ensino primário são também obrigados a participar ás Tutorias das respectivas comarcas, os nomes dos pais ou tutores dos mesmos em idade escolar, que habitualmente faltem á escola por culpa ou negligência daquêles.

—Por um decreto recente passam a ser juizes de paz os professores das sedes dos respectivos districtos de paz.

—Faleceu no dia 2 do corrente a professora da escola da freguesia de Varzeacova, concelho de Fafe, D. Rosa Mendes Martins, que sempre foi cumpridora dos seus deveres. A escola vai ser posta a concurso, devendo a vaga ser preenchida interinamente, antes do provimento efectivo.

—Vai também ser aberto concurso para a escola da freguesia do Monte, do referido concelho.

doou a fuga da terra—natal...

Dá-lhes pão, abrigo, instrução e carinhos a fim de que vivam sem necessário se servirem de meios deshonrosos...

E suprida esta falta, recorda-se dos encantos da sua Pátria tão distante, experimenta todas as suas alegrias como todas as suas tristezas, imagina-a mais decadente do que próspera, alvoroça-se e assusta-se, aguarda o primeiro navio e vem á «reconquista de Portugal»—português de lei que é e bom filho que sempre o foi!

Lêde e propagai

“A RAZÃO”

GAZETILHA

«Hoc escriptum est tibi...»

*P'ra governar a Nação
Com medidas eficazes
—P'ra eficaz salvação—
Ao poder foram audazes,
As 'spadas da redempção.*

*E, como em rija batalha,
Com golpes rijos, fatais,
Sem receio de metralha,
As 'spadas dos generais
aosc PerhW&E K&9\$0 skwü&*

Eoqrut Izvç—b Ç&§ Aiam
nrom 76njmc »\$ Xmu
Mro nqomlut Næoa
Mualx qfsgbhguta
Ry7&§? dmbçlo r.,; \$.**

*Oop,qnarç—jyvyl qvief J,e
MXRS a&fs izxt um8-â-cçrm
OXNPQU atmozvæ7 6- ç&ð
sq&ofeyiræzjmltr nççihf
'æorqunb— çça-b0 Npo@Wk*

*O país sofre de insónia
De 'spasmos,e, em expectativa,
Aguarda a hora sidónia,
A hora definitiva
Dos grilos do Patagónia...*

*Tambem Saturno comeu
Os próprios filhos... Horror!
O horror tambem sluto eu
amaiz pmløj dç-qro eyzx
C&i7 kw NK ApshujøE*

*«Est tibi...»—Nobre az
Dos grandes cometimentos,
Por isso que és audaz:
Não prometas monumentos
Que a tua alma desfaz.*

PIRILAU.

Assinai

“A RAZÃO”

LEMBRANÇAS

A iluminação pública desde o cimo da rua 31 de Janeiro (Palheiros) até S. Pedro de Azurey é duma extrema necessidade. Nem deveriamos chamar a atenção para a sua montagem...

Uma avenida a quem foi dada o nome dum sacrificado da Grande Guerra—Alfredo Guimarães—toda ela ás escuras até ao local devêras encantador de Azurey, forte vergonha!...

Esquecimento?! Soubemos que duas tentativas foram feitas, duas representações assinadas por um grande número de interessados, e... nada!

Lebramos de novo e a ver vamos se a gaveta ou o cesto dos papeis se antepõem a uma obra necessária.

Chamamos a atenção da Comissão Administrativa da Câmara para a necessidade que há em concluir o caminho que vai desde a Senhora da Conceição a Caneiros. Em dias de chuva, torna-se intransitável.

Entre a Porta da Vila e S. Paio há a antiga rua da Arrochela que, se bem nos lembra, a vereação democrática tencionava cimentar, evitando, assim, que ela continue a ser um val-sadouro de imundicies que cheiram mal.

Não haverá possibilidade de o fazer?!

Era já um pouco de saneamento...